

ARTIGOS – POLÍTICAS PÚBLICAS/Educação Profissional

FORMAÇÃO HUMANA E OS DESAFIOS QUE TRANSCENDEM O CAPITAL

HUMAN EDUCATIONS AND THE CHALLENGES THAT TREND CAPITAL

Mauro de Medeiros¹
Lauro Leocádio da Rosa²

RESUMO: O presente artigo busca refletir sobre a importância da formação humana na Educação Básica, tendo como principal base bibliográfica István Mészáros, bem como ressaltar a importância da reflexão filosófica para uma formação omnilateral, fazendo com que o processo de ensino aprendizagem seja para além do capital. A Filosofia, por sua vez, não ensina só a pensar com clareza e autonomia, mas a fundamentar essa cadeia de pensamento, formando cidadãos críticos diante da realidade. Considerando, portanto, a inegável importância da educação para a vida e não somente para o mercado de trabalho é que delinearemos, a partir de então, uma breve análise bibliográfica sobre a educação, correlacionando-a com o atual modelo de ensino que atende a ideologias capitalistas.

Palavras-Chave – Conhecimento; Formação humana; Capital.

ABSTRACT: This article seeks to reflect the importance of human formation in Basic Education, having as its main bibliographic base Istvan Mészáros, as well as highlighting the importance of philosophical reflection for an omnilateral formation, making the teaching-learning process go beyond capital. Philosophy, in turn, does not only teach how to think clearly and autonomously, but how to base this chain of thought, forming critical citizens in the face of reality. Considering, therefore, the undeniable importance of education for life and not only for the job market, we will outline, from then on, a brief bibliographic analysis on education, correlating it with the current teaching model that meets ideologies capitalists.

KEYWORDS: Knowledge; Human formation; Capital.

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), na linha de pesquisa de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica, é licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia-MG.

² Orientador – Doutorado em Física Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil (2020); Professor da Diretoria da Área de Eletrônica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia IFMT, Brasil, lauro.rosa@ifmt.edu.br

INTRODUÇÃO

Mészáros nasceu em 1930 na Hungria e faleceu em 2017 e se tornou conhecido mundialmente ao acentuar críticas contundentes ao capitalismo. Professor emérito da Universidade de Sussex, Mészáros é um fantástico educador e acredita na educação como possibilidade de mudança.

Em Educação para além do Capital, Mészáros nos diz que precisamos superar a lógica desumanizadora do capital, que se baseia na individualidade, no lucro e na competição.

No processo educacional, o aluno deve ser visto como um fator essencial para a construção do conhecimento, e não só como um mero receptor de conteúdo. A busca pelo saber não está ligada exclusivamente no ato de ouvir, copiar e fazer exercícios, pois neste aspecto metodológico tradicional, os alunos devem permanecer calados e quietos em suas carteiras, entretanto, acredito que para um melhor desenvolvimento intelectual dos alunos é preciso realizar propostas que pressupõem a participação ativa do aluno e não se limitar apenas a conteúdos julgados como relevantes.

Considerando que a pergunta é a chave do conhecimento, questionamo-nos: como está sendo trabalhada a formação humana na educação básica? Partindo do pressuposto de que a educação deve estar voltada para vida e não para o capital, assim como afirma Mészáros (2012, p. 9), não podemos adotar uma atitude de indiferença diante desta realidade.

O que fazer para que o conhecimento não seja apenas transmissão, mas sim pensado como produção de conhecimentos que sirvam como base fundamental para vida de cada discente?

Em Mészáros, educar não é mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades. (MÉSZÁROS, 2012, P. 13)

A reflexão sobre a educação na sociedade atual é de suma importância e assim propõe-se neste artigo uma análise bibliográfica acerca da educação para além do capital tendo como principal base bibliográfica István Mészáros, 2012.

Na intencionalidade de formar leitores mais críticos da própria realidade, espera-se que esta revisão bibliográfica possa ajudar a abrir novos horizontes no contexto educacional.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi um estudo teórico, tendo como principal base bibliográfica István Mészáros com a obra intitulada “A educação para além do capital” como também outros textos do mesmo autor e várias obras estudadas na disciplina de Bases conceituais no Mestrado Profissional em Educação Profissional ProfEPT, que ajudam a refletir sobre a educação em uma estrutura capitalista baseada em uma concepção materialista dialética da história.

FORMAÇÃO HUMANA E OS DESAFIOS QUE TRANSCENDEM O CAPITAL

A reflexão da formação humana na educação e seus desafios não envolvem apenas dimensões epistemológicas, mas condições políticas, sociais, econômicas e culturais. Não podemos pensar a discussão como pronta e acabada. Lutar por uma educação omnilateral é lutar contra o poder hegemônico instituído ao longo da história.

O profissional de educação ao assumir a posição de um educador transformador, reflexivo na perspectiva de uma educação múltipla e com os princípios de um processo educativo que tenha como meta uma educação para além do capital, está criando possibilidades de transformação.

É preciso assegurar uma formação plena ao ser humano, que ultrapassem as limitações das operações de trabalho, e que o atenda em sua totalidade, possibilitando que exerça sua cidadania. Para tanto, segundo Frigotto e Ciavatta (2012, p. 146), a formação omnilateral trabalha todas as capacidades, das quais o ser humano esteve historicamente expropriado, ou seja, este tipo de formação é fundamental para uma educação libertadora.

Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa ‘todos os lados ou dimensões’. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza. (FRIGOTTO, 2012, p. 265).

Para que a educação omnilateral se torne viável, é preciso articulações no currículo, nas disciplinas, nas atividades extracurriculares e nas metodologias de ensino, que pense na produção do conhecimento em sua totalidade.

A escola, pensada na omnilateralidade, terá um papel revolucionário, partindo dos sujeitos concretos, com sua cultura, saberes, e em diálogo crítico com a herança de saberes existentes. Todos estes aspectos serão bases para práticas revolucionárias em todas as áreas da vida destinadas a abolir para sempre a divisão da humanidade em classes sociais.

O trabalho de desenvolvimento humano integral e os processos educacionais pensados para além do capital são opostos aos ideais neoliberais. Conseqüentemente, realizar a formação humana que seja para a vida em meio a esse modelo atual capitalista é um grande desafio, pois temos que desenvolver um processo educacional que garanta a máxima universalidade e o acesso democrático efetivo ao conhecimento. Esta não é uma tarefa fácil e não pode ser plenamente realizada nas relações sociais capitalistas.

A FILOSOFIA E SUA IMPORTÂNCIA NA SOCIEDADE ATUAL

Algo começou a mudar quando Sócrates, nas ruas de Atenas, passou a interrogar àqueles que diziam conhecer a verdade, até que se dessem conta de que, no fundo, não a conheciam. Ele mesmo dizia saber apenas que nada sabia. Livre de preconceitos, cada um poderia fazer nascer, em sua interioridade, novas ideias. Somente começamos a filosofar quando percebemos que somos aprendizes do aprender, e passamos a pensar sobre como pensamos.

O objetivo de Sócrates era despertar no indivíduo o conhecimento, com uma forma especial de conhecer. Sócrates, não concebia o conhecimento como uma mera Transmissão de ideias, mas como uma redescoberta, uma recordação e um reencontro com a verdade que repousa em cada ser humano. Dessa forma, o ato de ensinar desperta algo que está adormecido no interior do indivíduo. Sócrates. Concebe seu papel de mestre, não como alguém que transmite e impõe suas próprias convicções aos demais, o que ele propõe é fazer uma reflexão sobre as próprias idealizações construídas pelos hábitos, opiniões cotidianas e reconhecer-se ignorantes diante da busca dos conhecimentos adequados. Somente assim, libertos de tais preconceitos e munidos de autocrítica, estariam aptos a pensar por si mesmos, produzindo seus próprios pensamentos.

Na relação com a educação, o método socrático divide-se em dois momentos: a ironia (reconhecimento da ignorância) e a maiêutica (formulação de ideias na busca do conhecimento). Assim, o ato de conhecer implica um diálogo constante do qual o interlocutor participa ativamente.

Esse método contraria a concepção tradicional do processo educacional, em que o professor é o único produtor do conhecimento e o aluno mero receptor. Sócrates propôs uma dinâmica em que o indivíduo conhece a si mesmo por meio da capacidade de pensar e conseqüentemente, constrói pensamentos que valorizam a emancipação humana.

Segundo Oliveira (2015) a formação humana, para Sócrates, é a maiêutica, ou seja, um diálogo no qual provoca um despertar filosófico, que através da reflexão de novas ideias que surgem e oposições, constrói-se a unidade, trazendo uma riqueza incomparável para a construção da formação humana. A ação educativa de Sócrates consiste em favorecer esse diálogo e sua radicalização, solicita um aprofundamento cada vez maior dos conceitos para chegar a uma formulação mais universal e mais crítica.

A Filosofia, desde sua origem na Grécia, aparece como uma reflexão sistemática voltada para a compreensão da realidade humana. Caracteriza-se como uma busca, um processo sempre dinâmico de definição de ideias adequadas de cada época histórica. Assim podemos conceituar a Filosofia como o conhecimento que visa, pela razão, a buscar o fundamento e o sentido da realidade humana. Ou seja, o objeto da filosofia é o próprio ser humano. Neste movimento de busca do quê, do porquê e do para quê, a Filosofia não se limita aos fatos e situações, mas vai além da experiência. A Filosofia indaga o sentido do ser, do fazer e do agir humano. Não está à margem da vida, nas nuvens; mas, reflete com criticidade, radicalidade e totalidade sobre a existência.

A atitude de filosofar é uma característica indissociável da condição humana. Apesar de que para qualquer assunto, pode-se inferir uma reflexão filosófica, isto não significa que qualquer pensamento seja filosófico. O filosofar tem suas exigências próprias. É um processo de busca, de investigação sobre a realidade, de questionamento, de inquietação, de admiração diante do mundo e da vida.

A Filosofia visa olhar a realidade humana e o mundo sem compartimentá-lo e assim contribui no sentido de pensar, de efetivar uma reflexão com criticidade, radicalidade e totalidade sobre a realidade humana. Educar não é apenas transmitir o seu conhecimento aos outros, mas sim fazer uma construção reflexiva diante da realidade. Conhecimento envolve a pessoa em todos os aspectos.

De acordo com as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso (2010) a Filosofia deve compor, com as demais disciplinas do ensino médio, o papel proposto para essa fase da formação. Nesse sentido, além da tarefa geral de “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o

trabalho” (Artigo 2º da Lei nº 9.394/96), destaca-se a proposição de um tipo de formação que não é uma mera oferta de conhecimentos a serem assimilados pelo estudante, mas sim o aprendizado de uma relação com o conhecimento que lhe permita adaptar-se “com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (Artigo 36, Inciso II) – o que significa, mais que dominar um conteúdo, saber ter acesso aos diversos conhecimentos de forma significativa. A educação deve centrar-se mais na idéia de fornecer instrumentos e de apresentar perspectivas, enquanto caberá ao estudante a possibilidade de posicionar-se e de correlacionar o quanto aprende com uma utilidade para sua vida, tendo presente que um conhecimento útil não corresponde a um saber prático e restrito, quem sabe à habilidade para desenvolver certas tarefas.

Na contramão da Paideia grega, a sociedade contemporânea valoriza áreas do saber centradas na formação de aptidões, habilidades e competências requeridas pelo capital.

Nesse contexto, a escola é encarada como uma mera organização social, pensada e operada a partir de meios particulares que visam a um objetivo particular. No entanto, é preciso superar a limitação e a superficialidade das ilusões criadas pela sociedade capitalista e garantir que as crianças e os jovens tenham acesso a uma formação que os proponha a refletir e questionar a sua realidade.

“É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (MÉSZÁROS, 2012. p.12).

A escola se tornou refém da lógica capitalista, substituindo a formação dos seres humanos pela instrumentalização, instituindo normas e padrões alheios ao universo da formação intelectual e se rendendo a uma eficácia quantitativa. “Em lugar de instrumento da emancipação humana, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema” (MÉSZÁROS, 2012. p 15).

No que diz respeito ao domínio racional defendido pelo projeto capitalista, a razão é reduzida a um mero instrumento de trabalho e obtenção de recursos materiais. Sua finalidade centra-se na busca hedonista da boa vida, dos privilégios e riquezas, na vida individual. O fim racional contemporâneo contraria a finalidade da Paidéia grega, centrada na vida coletiva. A racionalidade capitalista também contribui para a crise da autonomia política do indivíduo, a educação tecnicista-tecnológica prioriza o caráter individualista, o sucesso pessoal, inviabilizando uma real participação cultural e ético-política do cidadão.

Nesta perspectiva do capital, a educação para atender as necessidades preestabelecidas, com saberes imediatos e fragmentados, não forma o ser humano em sua unilateralidade. Para tanto, é urgente um equilíbrio entre a formação humana e a profissionalização. É preciso reaver a educação enquanto Paidéia, como formação do homem virtuoso e do cidadão que respeita as normas e ao mesmo tempo tem autonomia e conhecimento para transformá-lo. A escola não pode ser entendida como uma mera prestadora de serviço centrada no ensino e na aprendizagem de conteúdos, na transmissão do saber.

Em Mézáros, educar não é mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades. (MÉSZÁROS, 2012, p. 13)

O ENSINO E OS PROBLEMAS DE FORMAÇÃO OMNILATERAL EM UMA SOCIEDADE CAPITALISTA.

A sociedade capitalista cria diversos mecanismos de reprodução e manutenção e nem sempre são visíveis e fáceis de identificar e interpretar. Sua aparente naturalidade exteriorizada é apresentada como algo normal no sistema educacional, mascarando construções históricas que são conceitos essenciais na formação das pessoas.

Segundo Mészáros (2012, p. 27), o sistema do capital é irreformável e assim sendo é impossível resolver os grandes problemas encontrados na educação e para tanto só pode haver uma solução com a superação de si mesmo, eliminando os antagonismos existentes.

Nesse contexto, é fundamental que a escola crie vínculos com a vida vendo a diversidade que existe nos alunos e valorizando o conhecimento que suas histórias oferecem.

Mészáros (2012) ressalta a importância do processo de aprendizagem na vida dos alunos declarando que aprender é a nossa própria vida, da juventude à velhice aliás, “ninguém fica dez horas sem aprender nada” (MÉSZÁROS, 2012, p 47).

A escola como um dos fóruns sociais para os alunos deve encontrar uma forma de abraçar com audácia a criação de práticas educacionais abertas aos dilemas únicos da sociedade.

A escola é uma instância vinculada ao todo social, acho que é preciso transformá-la em um espaço onde se pretenda proporcionar condições de ensino e aprendizagem que permitam ao aluno se apropriar do conhecimento e democratizar os meios necessários para alcançar esse conhecimento na luz do pensamento crítico.

Mészáros (2012, p. 69) também destacou que o processo de aprendizagem tinha que ser mais do que a educação formal e não se limitar à educação institucionalizada desenvolvida em salas de aula. De fato, a educação perpetuada na esfera formal, continua sendo controlada e manipulada pela estrutura educacional, juridicamente vinculada à dinâmica do capital e do próprio Estado.

A educação é um processo social, político e cultural que se estende até as ruas, movimento, espaço público oficial ou informal e conseqüentemente, se queremos uma educação que transcenda a lógica do capital, devemos ir além das áreas formais das instituições de ensino.

A educação não deve servir ao capital acentuando os processos de dominação com ideologias burguesas. A educação deve levar em conta os processos de aprendizagem que se vinculam à vida pela libertação individual e a formação omnilateral do ser humano.

Segundo Mészáros (2012, p. 59) as diretrizes para a educação formal não devem se limitar pela integração da lógica do capital, mas evoluir para um intercâmbio ativo e efetivo com práticas educacionais mais amplas.

O capitalismo está fortemente engendrado nas pessoas que se originou uma ideia de que eu sou aquilo que eu tenho e nessa perspectiva eu tenho que ter para ser. Diante disso, eu corroboro com a disseminação dessa ideologia sem ao menos questionar se existe uma outra forma de ser no mundo.

Nessa dinâmica do capital, os homens são produtos das circunstâncias e também produtores e nesse movimento “o próprio educador precisa ser educado” (MÉSZÁROS, 2012, p. 24).

Mészáros (2012) defende a ideia de que a educação deve ser sempre contínua e permanente, caso contrário não é educação. Sustenta a existência de práticas educacionais que permitam aos educadores e educandos trabalhar pelas mudanças necessárias para a construção de uma sociedade em que o capital não mais explora o tempo livre, enquanto as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, a fim de manter-se no controle.

A educação deve ser para a vida, não para uns determinados números de anos em que o indivíduo irá servir ao capital com o seu trabalho. Assim a formação continuada refere-se à formação humana, de seres ativos do processo de mudança e não passivos à replicação do capital.

A "educação continuada", como constituinte necessário dos princípios reguladores de uma sociedade para além do capital, é inseparável da prática significativa da autogestão. Ela é parte integral desta última, como representação no início da fase de formação na vida dos indivíduos, e, por outro lado, no sentido de permitir um efetivo *feedback* dos indivíduos educacionalmente enriquecidos, com suas necessidades mudando corretamente e redefinidas de modo equitativo, para a determinação global dos princípios orientadores e objetivos da sociedade. (MÉSZÁROS, 2012, P. 75)

O papel da educação que transcende o capital deve ser o objetivo de todos nós que estamos submetidos à dinâmica da ordem dominante e seu sistema de reprodução.

Tomar postura filosófica é propor-se a questionar tanto o paradigma dominante socialmente tangenciável da atualidade quanto os rumos societários do sistema sócio metabólico dominante que é o capitalismo.

Os rumos ditados para a educação são modelos políticos afeiçoados enquanto discurso dominante e que nós educadores temos que tomar os devidos cuidados para não sermos meros reprodutores das ideologias que mascaram a realidade e sermos usados como massa de manobra do capital.

O escrutínio ideológico está impregnado de proposituras que determinam a aceitação de que tudo está do jeito que está porque é bom. Cabe-nos perguntar: é bom para quem? Quem está se beneficiando?

A intencionalidade é superar a concepção burguesa que avoluma a antítese da concepção romântica, conforme destaca Marx e projetar a universalidade e unilateralidade das relações e das capacidades das pessoas.

Espera-se, confiantemente, que esteja próximo o tempo em que o homem, por ignorância, não mais infligirá um sofrimento desnecessário sobre o homem; porque a maioria da humanidade se tornar esclarecida, e irá discernir claramente que ao agir assim inevitavelmente criará sofrimento a si própria. (MÉSZÁROS, 2012, P. 31)

E ainda:

As determinações gerais do capital afetam profundamente cada âmbito particular com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão

estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as de-terminações educacionais gerais da sociedade como um todo. (MÉSZÁROS, 2012, P. 43)

É por isso que, também no âmbito educacional, as soluções "não podem ser formais; elas devem ser essenciais". Em outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida.

Assim, a sociedade capitalista resguarda com vigor não apenas seu sistema de educação contínua, mas simultaneamente também de doutrinação permanente, mesmo quando a doutrinação que impregna tudo não parece ser o que é, por ser tratada pela ideologia vigente "consensualmente internalizada" como o sistema de crença positivo compartilhado de maneira legítima pela "sociedade livre" estabelecida e totalmente não objetável. Ademais, o que torna as coisas ainda piores é que a educação contínua do sistema do capital tem como cerne a asserção de que a própria ordem social estabelecida não precisa de nenhuma mudança significativa. Precisa apenas de uma "regulação mais exata" em suas margens, que se deve alcançar pela metodologia idealizada do "pouco a pouco". Por conseguinte, o significado mais profundo da educação contínua da ordem estabelecida é a imposição arbitrária da crença na absoluta inalterabilidade de suas determinações estruturais fundamentais. (MÉSZÁROS, 2012, P. 82)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não somos, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem quanto por meio de gestos e ações.

A educação também se volta para essas relações que mantemos com a realidade circundante, para o que dizemos e para as ações que realizamos nessas relações.

A partir das reflexões deste artigo, defendo que a educação para além do capital faz com que o indivíduo seja protagonista do seu próprio conhecimento, saindo do senso comum e atingindo uma consciência filosófica que os faz sair da condição de escravos da mão de obra em massa e não ser corrompido pelas falsas promessas pregadas pelo capitalismo neoliberal.

Surge então a necessidade de uma educação que desenvolve continuamente a formação da consciência nos indivíduos, um processo de aprendizagem permanente que ultrapasse os muros institucionais, bem como uma educação que edifica estratégias de mudança da realidade e a automudança consciente para uma realidade transformadora.

Fica claro que as análises de Mézszáros sobre a educação para além do capital, que busca romper com a regra do sistema capitalista em sua totalidade, ajudam a esclarecer a tarefa que deve ser conscientemente desempenhada na sociedade.

Dessa forma, compreendemos que os estudos de Mészáros sobre a conjectura social de Marx e a construção de uma alternativa que supera a lógica do sistema vigente contribuem para pensar a educação como um dos instrumentos essenciais na luta por uma sociedade justa e igualitária, para estruturar um sistema que transcende a dinâmica do capital e suas mais variadas formas de reprodução e legitimação. Uma educação que não se torne um processo mecanicista ou reprodutivo, mas uma educação que consolide um ato de consciência, construção, transformação da realidade objetiva e libertação das condições inumanas existentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

FRIGOTTO; Gaudêncio. **A Educação Omnilateral**. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, p. 265-272, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo**. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, p. 748-759, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. 3.ED. São Paulo: Cortez, 2012.

MATO GROSSO. **Orientações curriculares: ciências humanas: educação básica**. Cuiabá: Defanti, 2010 (Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso).

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2012.

OLIVEIRA, José Sílvio de. **A Paideia Grega: A Formação Omnilateral em Platão e Aristóteles**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – programa de Pós-graduação em Educação, 2015.